

REALIDADE, VONTADES E ESCOLHAS: A DIFÍCIL MISSÃO DE ASSUMIR-SE LESBICA EM UMA SOCIEDADE “ROTULADORA”.

Abel Amado de Lima Oliveira

Universidade do Estado da Bahia- UNEB- Departamento de Educação Campus- XIV

Abellima07@hotmail.com

Resumo: este artigo tem por objetivo, analisar os casos de lesbianidade e os desafios ao resolver optar por algo contrária ao que é imposto socialmente, em Conceição do coite, através de relatos de mulheres que contam suas experiências de vida, para esta isso, baseiam-se no documentário *Elas colorindo sisal*, produzido e elaborado pelas alunas da Universidade do Estado da Bahia campus XIV Jaqueline e Graziele, como um trabalho de conclusão de curso (TCC). Esse trabalho divide-se em três partes, a primeira “*quem são elas que dão cores ao sisal*” que traz uma breve biografia das protagonistas do documentário, a segunda “*que escolhemos e por que queremos?*”, aborda as escolhas lésbicas dessas mulheres e quais os motivos que impulsionaram elas decidirem expor o que realmente querem, e a terceira e última “*por que sofremos com aquilo que queremos*”, relata os preconceitos enfrentados por essas mulheres que resolveram seguir seus desejos.

Palavras chaves: lesbianidade, preconceito, escolhas, desafios.

INTRODUÇÃO

Situado no campo do estudo de gênero e sexualidade, este trabalho tem como o objeto de estudo o curta metragem “*Elas colorindo o sisal*” que foi desenvolvido e elaborado em 2009 por Graziele Araújo e Jacqueline Lemos graduandas em bacharelado em comunicação social rádio e TV, pela Universidade do Estado da Bahia campus XIV. Como resultado de um trabalho de conclusão de curso (TCC)

Com duração de um pouco mais de dezesseis minutos, por isso considerado um curta metragem, aborda relatos e desabafos de lésbicas da cidade Conceição do coite localizado no interior baiano pertencente ao território do sisal, com um pouco mais de 68 mil habitantes, onde sedia a o campus XIV da Universidade do Estado da Bahia- UNEB. O curta apresenta relatos de experiências de

mulheres que resolveram assumir a sua lesbianidade, na entrevista elas falam de sua experiência de vida ao assumir-se lesbicas e os desafios e dificuldades encontradas ao tomar essa decisão em uma sociedade extremamente preconceituosa. Para produção desse trabalho de conclusão de curso as organizadoras entrevistam Kamila santos, maiane Cerqueira, Thamires Cedraz, Maria Luiza, Leila

(83) 3322.3222

contato@enlacandosexualidades.com.br

www.enlacandosexualidades.com.br

rosa, Iuly oliveira, Elane Lima, Cleia Carvalho, que explicitam em suas falas a emoção e as dificuldades em assumir para a sociedade que sentem atração que sentem por outras mulheres.

Esse artigo esta situado no campo do estudo de gênero e sexualidade, tem como objeto de estudo o curta metragem elas colorindo sisal. Encontra-se dividido em três partes a primeira, *Quem são elas que dão cores ao sisal?* Apresenta brevemente as protagonistas do curta. A segunda parte *O que escolhemos, e por que queremos?* Traz os relatos de vidas das mulheres lésbicas entrevistadas, onde elas contam suas experiências de vidas ao decidir viver o que realmente são. A terceira parte *por que sofremos com aquilo que queremos?* Aborda os tipos de preconceitos que essas mulheres encaram em suas vidas e os reflexos de suas escolhas tanto quanto na vida pessoal bem como no lado profissional.

QUEM SÃO ELAS QUE DAO CORES AO SISAL?

Para a elaboração do curta as organizadoras contou com o depoimento de lésbicas da cidade de conceição do coite, elas que colore o sisal vindas de realidade e experiências diferentes, porem com algo em comum a lesbianidade. Elas são:

Kamila Santos, lésbica, estudante do curso bacharelado em comunicação social radio e TV, pela UNEB campus XIV, uma menina que gosta de aventura, fotografar e curtir a paz transmitida pela natureza.

Maiane Cerqueira, lésbica trabalha de garçõnete nesse município e prefere sair com os amigos e ouvir uma boa musica.

Thamires Cedraz, lésbica, estudante do curso bacharelado em comunicação social radio e TV, pela UNEB campus XIV, prefere ocupar seu tempo saindo com os amigos e com a fotografar.

Milena Santana, lésbica, negra, estudante do curso bacharelado em comunicação social radio e TV, pela UNEB campus XIV, gosta de sair a noite com os amigos e cantar em bares ou ate mesmo na universidade.

Leila Rosa, lésbica, negra, exerce a função de cabelereira.

Iuli Oliveira, estudante do colégio municipal de Conceição do coite um jovem negra que resolveu dividir sua vida com outra mulher.

Elane Oliveira, uma jovem negra, lesbica e estudante do colégio municipal de coite.

Cleia Carvalho, lesbica e funcionária publica da prefeitura municipal de conceição do coite.

O QUE ESCOLHEMOS, E POR QUE QUEREMOS?

Vera Ferraz, mestranda na universidade do espirito santo, escreve um artigo Você sabe o que é ser lesbica? Onde fala de relatos de lesbicas onde cada uma expõe seu conceito do que e ser lesbica, dizendo:

“Ser lésbica é ser uma guerreira. É vestir a bandeira do arco-íris, levantar os punhos pro alto e lutar pelos meus direitos. É lutar por uma mudança infelizmente tão lenta que talvez eu nem chegue a vivê-la, mas ter a consciência limpa e a esperança feliz de que as lésbicas que virão depois de mim terão oportunidade de viver muito mais felicidade do que tristeza; muito mais aceitação do que preconceito; muito mais amor do que fetichização; muito mais carinho do que violência; muito mais atenção do que esquecimento”.(FERRAZ, 2008)

No curta metragem, as entrevistadas falam de suas escolhas e de seus relacionamentos lesbicos, afirmando elas que ao optar por um relacionamento com uma pessoa do mesmo sexo e sinônimo de felicidade, isso por que estar ao lado de uma outra mulher lhe proporcionou felicidade e realização na escolha amorosa, como o caso de Maiane que se envolveu com um homem com quem foi casada por dois anos, mas que não demorou a descobrir o seu desejo e atração pelo corpo feminino.

Essas mulheres, que resolveram seguir os seus desejos sexuais buscam sempre fazer aquilo que proporcione prazer e felicidade, isso pode ser notado no relato de cada uma delas que sempre afirmam estarem felizes com a escolha que fizeram, como e o caso das jovens Elane e Luly que enfrentaram tudo e todos, mas que estavam juntas felizes e fazendo planos para o futuro de firmarem seu relacionamento e construírem juntas uma família. Mas assumir a lesbianidade não é por tanto uma tarefa fácil por mais que essa tomada de decisão reflita em um começo de uma nova fase da vida que possa vir a proporcionar a realização e a felicidade dessas mulheres, uma vez que mesmo tendo a certeza de que será felizes assumir seus desejos em uma sociedade machista e preconceituosa esta acima de tudo decidida encarar e acima de tudo saber lidar com esse preconceito.

POR QUE SOFREMOS COM AQUILO QUE QUEREMOS?

Adrienne Rich, em seu artigo “*A heterossexualidade compulsória e existência lesbica*” diz que :

“A existência lésbica inclui tanto a ruptura de um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida. É também um ataque direto e indireto ao direito masculino de ter acesso às mulheres. Mas é muito mais do que isso, de fato, embora possamos começar a percebê-la como uma forma de exprimir uma recusa ao patriarcado, um ato de resistência. Ela inclui, certamente, isolamento, ódio pessoal, colapso, alcoolismo, suicídio e violência entre mulheres. Ao nosso próprio risco, romantizamos o que significa amar e agir contra a corrente sob a ameaça de pesadas penalidades. E a existência lésbica tem sido vivida (diferentemente, digamos, da existência judaica e católica) sem acesso a qualquer conhecimento de tradição, continuidade e esteio social”. (RICH.1993)

Em “*elas colorindo o sisal*” a realidade abordada e semelhante ao trecho da RICH, as mulheres entrevistadas falam das suas descobertas afetivas, e suas escolhas lesbicas, afirmando que essas escolhas resultam em realizações pessoais. Mas mesmo estando felizes com suas escolhas, fica claro nas falas das protagonistas do curta que muitas vezes a vontade de assumir seus desejos muitas vezes chega ser tomado pelo medo por viverem em uma sociedade extremamente machista e preconceituosa.

E possível perceber ainda que até mesmo dentro da própria família, que deveria ser o lugar onde essas mulheres encontrassem o apoio e conforto, muitas vezes chega a ser um lugar onde começa o preconceito e a intolerância, como relata Thamires que emocionada diz que foi obrigada a deixar sua casa e família por sentir na pele o desprezo de sua mãe a partir do momento que resolveu assumir-se lesbica, mas isso não foi e não deve ser motivo de desistência daquilo que realmente queremos. Mas além da família a igreja também se tornou uma instituição de extremo preconceito e exclusão para essas lesbicas, como afirma uma das protagonistas relata que foi obrigada a deixar de frequentar uma instituição religiosa pelo fato de não aceitar sua escolha homo afetiva, dizendo que a igreja aceita o sujeito, mas condena as práticas desse sujeito. Isso apenas mostra o quanto sofrem essas mulheres quando resolvem seguir o seus Corações, mas o desejo de ser feliz e realizada cada vez mais, serve de energia para encarar e viver em meio às essas formas de preconceito e exclusão.

A lesbofobia é sem dúvida o que todas essas mulheres enfrentam em comum em seu dia a dia, dentro de casa, da instituição religiosa, enfim, mas vai, além disso, está no sofrimento da esteticista por não poder dizer o que realmente sente isso porque implicaria na não valorização de seu trabalho, isso porque, muitas pessoas não respeita a decisão de cada um, como é o caso de LEILA ROSA esteticista mostrada no documentário que não pode aflorar seus desejos porque fazendo isso

perderia os seus clientes principalmente por trabalhar com depilação íntima, quão triste e ter o direito de escolha omitido por fazer parte de uma sociedade onde prega o direito a igualdade, mas condena aqueles que resolvem fugir dos “padrões normativos”, que é criado como modelo perfeito a ser seguido e quem resolve construir seu “padrão” e em massa excluído. Segundo levantamento da ONU(organização das nações unidas) em 2009 os casos de mortes por ataques homofóbicos, chegou ao número de 206 casos, e mesmo assim uma das protagonistas do curta afirma dizer que em coite não tem homofobia de nenhuma forma.

Adrienne Rich diz ainda que “As lésbicas têm sido historicamente destituídas de sua existência política através de sua “inclusão” como versão feminina da homossexualidade masculina”. Uma realidade que aponta quão árdua e as escolhas de serem felizes. É difícil compreender, que preconceitos desse tipo prevaleçam em pleno século XXI, onde as pessoas sejam reprimidas por escolherem ser acima de tudo felizes, por escolher ter relações afetivas com companheiras do mesmo sexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curta “*Elas colorindo sisal*”, onde as lésbicas coiteenses resolve expor suas angústias, mostrando assim que a decisão de assumir sua lesbianidade muitas vezes não é algo fácil, que mesmo sendo a melhor decisão a ser tomada, isso reflete em uma série de sofrimentos que talvez o tempo seja capaz de amenizar a dor, mas que de certa forma estará marcada na vida dessas mulheres lésbicas e felizes, ou ao menos lutando por sua felicidade. Continuar acreditando que um dia chegue momento que escolhas como essas sejam vistas de maneira “natural” por parte de algumas pessoas que insistem em reprimir, esquecendo que antes de qualquer coisa é preciso existir respeito e amor.

REFERENCIAS

ELAS COLORINDO SISAL. Direção de Jaqueline e Grazielle. Conceição do coite-BA, 2009. Documentário de 17 minutos.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e lésbicas Existência.** Em: GELP, Barbara C. & GELP, Albert (editores). Poesia de Adrienne Rich e Prosa. Nova Iorque / Londres: W.W. Norton & Company, 1993.

FERRAZ, Vera. **Você sabe o que é ser lesbica?** Brasil, 2011

(83) 3322.3222

contato@enlacandosexualidades.com.br

www.enlacandosexualidades.com.br